

# Boletim Informativo da Casa do Artista



Editorial

Volume III, Edição II

Março de 2016

## Dia Mundial do Teatro | 27 de Março

Mensagem da SPA, da autoria do Dramaturgo Jaime Gralheiro para o Dia Mundial do Teatro

### TEATRO: UMA RELIGIÃO COM O HOMEM NO CENTRO

Teatro é a palavra que se faz gente, ou, de outra forma, o verbo que se faz carne.

No princípio era o Medo e o Medo tomou conta do Homem inerme perante a fúria incontrolada dos elementos naturais. E foi, então, que nasceu Deus.

Invocando os favores e a proteção desse Deus-dos-trovões-raios-e-coriscos, o Homem inventou palavras “santas” e gestos rituais que lhe pareceram mais adequados ao momento e do agrado desse tal deus das fúrias. Nessa altura, e sem que de tal se desse conta, o Homem começava já a dar os seus primeiros passos na invenção o Teatro que só veio a acontecer quando o espetáculo da palavra e do ritmo balético dos gestos, em vez de se dirigir aos deuses, começou a dirigir-se aos outros homens.

Foi nesta primeiro tempo que o Homem descobriu mais uma trincheira contra o tal Medo e, até, contra a prepotência dos próprios deuses.

E foi desta sorte que, reunidos no mistério do faz de conta, os homens foram “ardendo” na fogueira das suas paixões, ao mesmo tempo que se sentiam mais próximos e solidários uns com os outros, enfrentando tudo e, até, os próprios deuses.

A força do Teatro estava exatamente aí, na capacidade de, através do jogo cénico, transformar as palavras em gente viva e as coisas noutras coisas, tudo ali feito à vista do espetador, de tal forma que, muitas vezes, as coisas e pessoa inventadas tinham mais força que as coisas e pessoas invocadas.

É esta capacidade de transformar a realidade rasteira do dia-a-dia numa outra realidade superior mais verdadeira e universal que aproxima o Teatro do poema e faz do Teatro a vida em carne viva, recreada sobre as tábuas de um palco.

Enfrentando o Medo, o Teatro passou a ser o lugar e o tempo de combate onde a inteligência, a coragem e a paixão se superiorizavam a todos as violências opressoras, vindas elas donde viessem!

A partir daqui, o Teatro passou a ser uma arma de combate-defesa nas mão dos homens, tornando-se um inimigo do Poder anti-humano que só o suportava se ele se pusesse ao seu serviço.

### Nesta edição:

FELICIDADE	2
É Primavera ... Chegou a Primavera	3
Silêncio, vai falar-se de Fado!	4
PARALELO	5
Aos amigos administrativos	6
Na Casa do Artista também existe Amor	8
O actor	10
A minha amiga Etelvina	14
Quadras para Aleixo	15



Mas o Teatro não aceitou ser escravo e foi proibido, passando à clandestinidade das catacumbas, onde renasceu escondido sob a própria capa do opressor.

E foi uma demoníaca gargalhada e um descarado manguito contra a falsa fé nesse deus opressor que demonstraram estar o Teatro sempre vivo e escondido na alma do Homem livre. E eis o “milagre” e o mistério do seu renascimento nas curvas e contra curvas do tempo que se enrola!

Mas foi essa grande gargalhada e esse atrevido manguito que empurraram o Teatro para as fogueiras da “santa” Inquisição, onde voltou a arder, agora, na catarse da sua própria perdição...

Nesta linha, o Teatro acabou por assentar praça contra o Homem e, despidoradamente, apareceu desfilando nas grandes paradas hitlerianas e fascistas.

Só que, há sempre alguém que resiste/ há sempre alguém que diz não! Esse alguém foi Bertold Brecht e todos aqueles que, arrancando o Teatro dos desfiles nazis e fascistas, o refizeram como local e tempo onde a beleza da inteligência e da liberdade nos torna mais atentos e exigentes na construção de um mundo mais livre e justo à medida do Homem livre.

O Teatro procura estar, hoje, de novo, ao lado do Povo contra todos aqueles que dele querem fazer um capacho.

Por isso, contra o novo Medo, viva o Teatro livre!

Jaime Gralheiro  
(advogado, dramaturgo e encenador)

## FELICIDADE

### O que é a felicidade?

Se não, os segundos dos nossos sorrisos!

Se não, o acordar de todos os dias com mente positiva!

Se não, dar e receber alegria do fundo do coração por simples vontade própria.

Se não, ser genuíno e constante.

Se não, o sempre crescer individual e coletivamente.

Se não dar segundos da sua atenção aos que mais necessitam.

FELICIDADE é tudo aquilo que a nós faça bem, indiretamente da sua contrapartida nos outros, causada pela própria situação.

FELICIDADE é isto e aquilo e mais, que por estas e outras palavras tentam explica-la e exprimi-la.

Guedes Jordão  
(Colaborador da Manutenção)

## É Primavera ... Chegou a Primavera



Fotografia de Ricardo Madeira

### LÍRICA

No meu jardim aberto ao sol da vida,  
Faltavas tu, humana flor da infância  
Que não tive...  
E o que revive  
Agora  
À volta da candura  
Do teu rosto!  
O recuado Agosto  
Em que nasci  
Parece o recomeço  
Doutro destino:  
Este, de ser menino  
Ao pé de ti...

Miguel Torga

(Bibliografia: “Diário—vol.VIII, edição fac-símile, 2014)

## SILÊNCIO, VAI FALAR-SE DE FADO!

... ou do “fado” de João Nicolau?

Foi em 1963, na revista “Bate Certo” em estreia no Teatro Maria Vitória, que nos conhecemos.

À frente dum “grande elenco” estavam António Silva, Teresa Gomes, Costinha, Luisa Durão, José Viana e outros.

Eu (“Os 3 de Portugal”) era “Atração Nacional” e o João “Nico” cantava a “Sinfonia de Abertura”.

Foi assim a nossa estreia no teatro de revista.

Depois, seguimos rumos diferentes, mas por diversas vezes nos cruzamos. Os 3 de Portugal foram atração internacional durante 14 anos e o “Nico” foi o grande e prestigiado actor/autor/produtor/ realizador/ animador/ apresentador e cantor NICOLAU BREYNER.

Idolatrado por todos, a todos ajudava sempre que solicitado. Quando “Os 3 de Portugal” terminaram a sua carreira, foi no teatro de revista que encontrei guarida de imediato, e claro, lá estava o “velho Nico” a estender a sua influência de forma a eu ficar abrangido pela sua promessa “ai se eu fosse rico...”

Pedro Machado



Na fotografia: à esq. Pedro Machado e à dir. o actor Nicolau Breyner

**PARALELO**

Igual

A todos os outros

O dia de hoje

Mais não resta

Que seguirmos o tempo...

O tempo

Que marca rigorosamente

O tempo da nossa existência

Existência?

Ou sub-existência?

Em um tempo

Não paralelo

Ao tempo da nossa existência

Porque

Se paralelo fosse tal tempo

Com o tempo da nossa existência

Eu diria

Que existimos no tempo

E não o tempo

Da nossa existência

**Autor:** Joaquim Samora

**Estou na Casa do Artista**

Estou na Casa do Artista

Onde não é permitido envelhecer

E eu que sou portista

Ficarei até morrer

Gosto de cá estar

Digo de todo o coração

E um dia se calhar

Todos me darão razão

Gosto de todos que cá estão

Espero que também gostem de mim

Todos me tratam bem

E fico feliz assim

Estou a fazer nove meses

Não penso fazer nove anos

Mas o tempo às vezes

Faz nós termos desenganos

**Autora:** Linita Marques

**Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.**

**Contamos consigo!**

**Aos amigos administrativos**

Não sou muito inteligente  
Nem de noite nem de dia  
Fiz versos a toda a gente  
Faltava a secretária

Fica ali na Pontinha  
Cada qual com seus encantos  
A Márcia mais a Leninha  
Em frente o Tiago Santos

De sorriso sem igual  
Com seu meigo coração  
O animador cultural  
E a Dr.<sup>a</sup> Conceição

Mas que linda camisola  
Boa marca verdadeira  
Ela lá está na gaiola  
Olá Ricardo Madeira

Laços de muita amizade  
Com a Celeste Passarinho  
Dr.<sup>a</sup> Paula Trindade  
Receba um grande beijinho

Que sejam muito felizes  
Que tenham muita saúde  
Nesta casa das actrizes  
Cheia de fé e virtudes

A Ângela a trabalhar  
E uma presença altaneira  
Já não é auxiliar  
Auxiliar de enfermeira

A vida é uma engrenagem  
Parece uma sandes mista  
Betânia da enfermagem  
Que também é jornalista

Nas quadras sou atleta  
Mas sofro de falta de ar  
A Dr.<sup>a</sup> foi com a neta  
Foi jantar ao Lumiar

Ele gosta da minha prosa  
E dos meus versos também  
A Mãe do Ricardo é Rosa  
É flor, é Rosa, é Mãe

Vou manter a tradição  
Tenho de pagar o fisco  
Vem almoçar o João  
Vem do colégio o Francisco

É cá o meu dormitório  
Lá estão eles a conversar  
Estão todos no refeitório  
Está na hora de almoçar

Como escritor meto dó  
A Mãe Alda da Pontinha  
A Menina Aurora avó  
E a minha amiga Aldinha

Como jornalista não presto  
Sigo devagar os meus trilhos  
A Celeste ama o Ernesto  
E a Paulinha adora os filhos

**Autor:** Júlio Coutinho

## O Zé adora a Dora

Por brincadeira era uma frase que toda a gente dizia lá em baixo nos bastidores dos Teatros no Parque Mayer nos anos 60/70. Foi o casamento desse grande homem de Teatro que foi o actor José Viana, com a actriz de revista Dora Leal. Ela por motivos de saúde passou por aqui recentemente, agora está na sua bela casa em Miraflores, onde vive com a filha Raquel e os netos de 11 e 13 anos. As tuas melhoras e felicidades. Dora minha grande amiga de longa data. A convite do nosso Zé Viana estive na companhia itinerante deles nos anos 80. A mini-revista chamava-se “A Pata que os pôs”.

Eu fui lá para casa escrever à máquina, depois fazia de ponto, ajudava a montar a cena, fazia tudo. Dormia e comia lá. Gostei muito de lá estar em casa a viver com eles. Também lá estava o actor Carlos Ivo, já falecido. O Zé era um bom cozinheiro. Quem nos pagava era o PCP e o Zé Viana foi um grande amigo meu, ajudou-me muito na vida.

Conheci Portugal de Norte a Sul. Estava o Carlos Miguel, a Eugénia Bettencourt, o Fernando Albuquerque etc. O Zé partiu. Que descanse em Paz. Dora que sejas feliz. Beijinhos.

**Autor:** Júlio Coutinho

## O meu amigo Nico está no meu coração

Na peça do Capitólio “A Batalha do Colchão”, nos anos 80 era encenadora a querida Maria Helena Mattos que me pediu (como eu andava sempre no Parque até tarde) se eu podia ficar com a pasta da peça, porque o Nicolau já tinha perdido duas ou três peças, nos táxis.

Uma tarde, depois do almoço, estava eu e a Luísa Afonso a trabalhar no Sindicato, quando entrou o Sócio Nicolau Breyner. O “Siarte” ficava ao lado do barbeiro do César. O Nico estava sentado em frente, ao balcão da secretaria a ler uma revista e por ali ficou mais de uma hora. De repente levantou-se e disse: Valha-me Deus estou aqui ao tempo a pensar que estava na barbearia do César, vim cá de propósito para cortar o cabelo e lá se foi embora. Era muito distraído. Mas um Senhor, muito boa pessoa e amigo de ajudar. Fiquei-lhe a dever um grande favor. Adeus Nico, até qualquer dia.

Um dia o Nico foi ter comigo ao “Siarte” e pediu-me se eu tinha um casaco de malha para lhe emprestar, que estava a arrefecer para a noite; eu tinha e emprestei-lho.

Ao mesmo tempo perguntei-lhe se tinha vindo em mangas de camisa de casa, num tempo de frio e ele respondeu que não. Trouxe um casaco, mas onde dormiu deixou por esquecimento. Então disse-lhe: porque não vai lá buscar, onde passou a noite? E ele respondeu: não me lembro onde dormi. Era assim o grande actor.

**Autor:** Júlio Coutinho

## Na Casa do Artista também existe Amor

“Perdidamente admirada  
Não há ninguém como tu”  
Diana

No passado dia 9 de Março 2016 o “Boletim Informativo da Casa do Artista” conversou com a D. Diana que aqui reside há quase dezassete anos. Fez-se sócia, quando ainda estava na África do Sul. Considera-se uma pessoa alegre e que tem crença em Deus.

Durante a sua atividade profissional, enquanto cantora lírica, fez várias entrevistas para a revista “Plateia” e “Crónica Feminina” e gravou um CD em 1978, que esgotou.

Através deste artigo partilha o reencontro que teve ao fim de 40 anos, com o ex-locutor da Rádio Clube de Moçambique Henrique Bettencourt. Estes encontros tinham lugar na Sala Maria Helena Matos, pois mantinham uma relação de proximidade e viviam alguns momentos de convívio, como a ida a vários espetáculos, incluindo os fados; trocavam prendas e saíam todos os dias para darem um passeio.

A D. Diana falou-nos com ternura desta grande amizade e da forma como o Sr. Henrique Bettencourt ainda está na memória de todos aqueles que o conheceram e privaram consigo, pois era uma pessoa muito especial e que lhe fez muita falta.

As flores têm um grande simbolismo na sua vida, pois fazem-na viver e lembrar com saudade o ser humano que foi Henrique Bettencourt.

“As folhas caíram  
O Inverno vai chegando  
Os anos fugiram  
Só as saudades  
Vão ficando”  
Diana



“Há uma paixão acima de uma amizade”.

“É um sentimento especial, porque não existe ninguém como ele”.



## Charlotte de Galinha

**Ingredientes:**

- 1 galinha;
- 1 embalagem de pão de forma, sem cõdea;
- 250 grs. de fiambre em fatias;
- 4 ovos;
- 1 lata pequena de cogumelos de conserva.

Coze-se a galinha durante uma hora, depois desossa-se e tira-se a pele e as impurezas e refoega-se num tacho, com a cebola picada e junta-se os cogumelos, e vai-se deitando colheres do caldo onde se cozeu a galinha até ficar macia e o molho tem de ficar espesso.

Utiliza-se uma forma lisa género tacho, com 10 cm de altura e 30 cm de base. Unta-se com manteiga, forra-se com as fatias de fiambre, a seguir batem-se os ovos, molham-se as fatias do pão de forma, forra-se por toda a volta da forma e no fundo por cima das fatias de fiambre; depois disto deita-se para dentro o preparado com a galinha e por cima põe-se uma camada de pão e o resto do fiambre. Depois deita-se o resto dos ovos batidos e vai ao forno, durante trinta minutos.

Em seguida quando está pronto vira-se a forma para um prato de servir à mesa, fica em género de pudim. Enfeita-se à volta, com batatas palha e ramos de salsa.

O acompanhamento ao gosto de cada um, pode ser: com arroz feito na água de cozer a galinha, com uma boa salada ou com batatas fritas.

Esta receita dá para seis pessoas.

Bom Apetite!

Linita Marques

*A arte de envelhecer consiste em  
conservar a esperança.*

*André Maurois*

*Novelista e ensaísta francês. (1885-1967)*

## O actor

O actor acende a boca. Depois, os cabelos.  
 Finge as suas caras nas poças interiores.  
 O actor põe e tira a cabeça  
 de búfalo.  
 De veado.  
 De rinoceronte.  
 Põe flores nos cornos.  
 Ninguém ama tão desalmadamente  
 Como o actor.  
 O actor acende os pés e as mãos.  
 Fala devagar.  
 Parece que se difunde aos bocados.  
 Bocado estrela.  
 Bocado janela para fora.  
 Outro bocado gruta para dentro.  
 O actor toma as coisas para deitar fogo  
 ao pequeno talento humano.  
 O actor estala como sal queimado.  
 O que rutila, o que arde destacadamente  
 na noite, é o actor, com  
 uma voz pura monotonamente batida  
 pela solidão universal.  
 O espantoso actor que tira e coloca  
 e retira  
 o adjetivo da coisa, a subtileza  
 da forma,  
 e precipita a verdade.  
 De um lado extrai a maçã com sua  
 divagação da maçã.  
 Fabrica peixes mergulhados na própria

Porque o actor está como a maçã.  
 O actor é um peixe.  
 Sorri assim o actor contra a face de Deus.  
 Ornamenta Deus com simplicidade sil-  
 vestres.  
 O actor que subtrai Deus de Deus,  
 e dá velocidade aos lugares aéreos.  
 Porque o actor é uma astronave que atra-  
 vessa  
 a distância de Deus.  
 Embrulha. Desvela.  
 O actor diz uma palavra inaudível.  
 Reduz a humidade e o calor da terra  
 à confusão dessa palavra.  
 Recita o livro. Amplifica o livro.  
 O actor acende o livro.  
 Levita pelos campos como a dura água  
 do dia.  
 O actor é tremendo.  
 Ninguém ama tão rebarbativamente  
 como o actor.  
 Como a unidade do actor.  
 O actor é um advérbio que ramificou  
 de um substantivo.  
 E o substantivo retorna e gira,  
 e o actor é um adjetivo.  
 É um nome que provém ultimamente  
 do Nome.

Nome que se murmura em si, e agita,  
e enlouquece.  
O actor é o grande Nome cheio de holofotes.  
O nome que cega.  
Que sangra.  
Que é o sangue.  
Assim o actor levanta o corpo,  
enche o corpo com melodia.  
Corpo que treme de melodia.  
Ninguém ama tão corporalmente como o actor.  
Como o corpo do actor.  
Porque o talento é transformação.  
O actor transforma a própria ação da transformação.  
Solidifica-se. Gaseifica-se. Complica-se.  
O actor cresce no seu acto.  
O actor actifica-se.  
É enorme o actor com sua ossada de base,  
com suas tantas janelas,  
as ruas –  
o actor com a emotiva publicidade.

Ninguém ama tão publicamente como o actor.  
Como o secreto actor.  
Em estado de graça. Em compacto estado de pureza.  
O actor ama em ação de estrela.  
Ação de mímica.  
O actor é um tenebroso recolhimento de onda brota a pantomima.  
O actor vê aparecer a manhã sobre a cama.  
Vê a cobra entre as pernas.  
O actor vê fulminantemente como é puro.  
Ninguém ama o teatro essencial como o actor.  
Como a essência do amor do actor.  
O teatro geral.  
O actor em estado geral de graça.

Herberto Hélder

**Atividades Cognitivas**

de fora. Acordou os pés com

---

isso fechados. olhos Faço de

---

Sete fechado Está a chaves.

---

**FACTOS E FICCIONISMO****Afonso Henriques Ferreira**

Ao tio Jonas, quando lhe falavam das Monteiras e do batatal, nasciam-lhe cabelos dolorosos na careca. Uma das visitas de inspecção delegou-a em mim e no Telmo. Tudo combinado nessa tarde, junto ao lavadouro comunitário: acordaríamos com a alva e, caçadeiras a tiracolo, toca, mata-cavalos por oito quilómetros, às fundeiras do rio Paiva e a Castro Daire, de onde partia a carreira de Lamego. Nas Monteiras, o Tomé estaria à espera com a alegria da visita e com o almoço; e, como era do tom, o senhor Zé Maria convidar-nos-ia para a ceia. Na pensão da senhora Cândida lá estaria a cama de ferro e o burro por baixo do quarto. Ao outro dia regressávamos, montes e vales, armas carregadas, ouvido no cacarejo das perdizes, rebordo do cartuchame a reluzir nos cintos. Acordei cedo. Vesti-me. Desci à adega. Dei um sopapo no tonel: a pancada zoou no bucho vazio. Uma pipa espumava do batoque e chorava pelo javre. Entrei na cozinha: na lareira, nos gravetos e achas, a chocolateira fervia. Lembrei-me, ganapo em férias: acordava na hora da avó, respirava aromas a café de saco, bebia malgada com migas de broa e encantava-me com um sachito na ajuda à rega do nabal. Quando regressávamos à cozinha, sol a salpicar o lajedo, o Faíque, o avô, puxava o cordel preso à barra da cama e que, por baixo do soalho, coçava as traves até à adega: o badalo de ferro era um badanau no bronze do chocalho. Tasquinhei presunto com pão de centeio. Bebi o café. A avó recomendou: «Cuidado com as armas». No fontanário, o burro do moinho, ajoujado de taleigas, mergulhava as fuças e espirrava: um brrrr que lhe dilatava as ventas. A moleira chibatou-o: «Bebe, Fidalgo», e olhou-me de banda, de modos que fiquei sem saber se o “fidalgo” era para mim, se para o burro. Sentado nos quadris, mais corpulento que um lobo e coleira com pregos a faiscarem, o Farusco era mastim a guardar o tesouro. A moleira tornou: «Bebe Fidalgo!» --- e o seio arredondou-lhe a blusa. Telmo apareceu, arma a tiracolo e ensonado: «Vamos?» Na carteira eu levava a fêria das jornas. Coloquei também a caçadeira a tiracolo e, ala que se faz tarde, por oito quilómetros de atalhos benza-os Deus.

Chegámos à hora da carreira. O condutor cobrou os bilhetes, piscou o olho: «Ricas mulheres, nas Monteiras», e a conversa tratou só da beleza carquejeira: ancas de chiba, busto de pecado, cintura de vime tenro, lábios medronheiros, cabelos de sol. Uma velhota, com uma galinha pedrês sossegadinha na breza, beliscou a prosa: «Nem figo pingue-de-mel a secar no eirado». Lembrei-me da moleira no fontanário e do Farusco a guardar o tesouro.

Depois de nos apearmos, em Cole de Pito, mais três quilómetros de estorreira. Assobio nos lábios e nas bochechas, encontrámos o Tomé às voltas do motor que chupava águas ao Paivó. A flor do batatal espalhava aromas no ar puro como se sementeira do Olimpo ao nariz dos deuses. Montículo de batata com bexigas negro-roxo assustou-me. (Por causa da moléstia é que nasciam cabelos dolorosos na careca do tio). Tomé indicou uma nesga : «Terra lenteira». Chamou um rapaz: «Toma conta do motor», e levou-nos a casa do senhor Zé Maria onde era dia de pica-o-boi: malhada grande. Uma debulhadora, aos arrancos e em barulhos, padejava o grão com as pás. Não havia manguais, nem duas frentes de homens. Maços acima das cabeças e em sarabanda nos atilhos de couro, desciam à-uma e zupavam espigas e tarolos, lustrando o corpo na manta sobre o eirado, pumba, pumba, o zagal a cadenciar eia! eia! que a mecânica da debulhadora valia por um ror de frentes. As mulheres, chapéu de palha, mangas arregaçadas, carnes a alagoarem as roupas (e era aquilo a riqueza carquejeira) varriam, com a giesta dos conhos, o carolo e a palha; e, com os dentes de ferro dos ancinhos, lançavam a palha à brisa que logo pegava as felpas, o torvelinho da aragem a dispersá-las. Outras mulheres, mãos afeitas à faina, enfeixavam a palha limpa e negalhavam os feixes com vimes.

Só um olhar se levantou da eira: o da mulher do Zé Maria, que escachou um sorriso nédio: «Ah! Os meninos» e ordenou a uma moçoila, face de diospiro a amadurar: «Chega dois pichéis». E logo nos convidou para a ceia: «Não é melhorada. E dia de faina». Num repente, puxei Telmo à debulhadora: «E agora?» Gritei: «Rezam à mesa, é, e benzem-se?» Telmo riu. Zoou: «Mexes os lábios, homem. Mas não resmungues caraítas na hora do amem». Um bico-de-obra: nem benzer-me sabia. Numa nesga, nos musgos de um muro e agachados na sebe de carro de bois, Telmo exemplificou: «Assim!» Um boi, a ruminar salivas e cornos junto ao nosso solilóquio, lanceava rabo de olho. Quase mijámos a rir. Os olhos da jorneira com o conho lançaram faúlhas.

Ao cair das Trindades, à frente do farrancho, mulheres por último a resguardarem-se nas saias, subimos ao alpendre e entrámos ao breu da cozinha. Passámos à sala. Mesa comprida e baixa. Sentámo-nos à-uma. A renda da toalha limpava-me a bota. Lamparina em tigela esboucelada fumegava luz e a filha do Zé Maria, trejeitos e enleio carquejeiro na face-diospiro, encheu os copos: a jarra de vidro resplandecia e reflectia a borga, esticando-lhe os ângulos. O senhor Zé Maria tossicou. Respirou fundo como Adão quando respirou a ar da primeira ceia no paraíso. Ferrei uma joelhada na perna de Telmo: «É agora?» Novo tossico do Zé Maria. Saboreou o fumegar a evolar-se da travessa: batata às rodelas, bacalhau às postas, grelos, lombo de porco morto e desmanchado de véspera (o chedeiro do carro de bois ainda rebrilhava com o sangue do sacrifício). Serviu-se: «Nada de cerimónias». Regedor, nós, o Tomé, mulherio, ai, bacalhau, grelos e lombo, fumego e gula nos pratos. Zé Maria emborcou, fio a pavio. Taramelou: «Que batatal, meus senhores». Emborcou outro copo: «Um jardim no almargem do Paivó». Rasguei um sorriso, aliviado. «Os nossos batatais, a rama, se medrasse medida de palmo, uma admiração, uma bênção; palmo e meio, um milagre, a flor, salpico aqui, ali, medo a olhos de Deus, sei lá». Outro esvaziar, regedor, eu e Tomé na refrega. A diospiro carquejeiro reenchia os copos. Zé Maria turvava-se de alumios: «O senhor Jonas é feiticeiro. A flor lambe o peito de um homem e perfuma-lhe a barriga. Tomé perde-se na ramalhal. E o senhor abade? Subia aos altos, a saborear o ar. Mas o reumático apanhou-o. Por isso não está aqui a abençoar a ceia».

(Mais tarde, soube-se: o Tomé agachava-se nas flores com a diospiro. Não houvera: sacholadas, nem tiros. Mas o abade enzonou Tomé: «Cuidarás da flor como se flor de Deus». Mas Tomé era casado: aí, outro cabelo doloroso na careca do tio).

Levantaram a travessa de barro vidrado. Assadeira de Molelos, negra, breu opaco, plantou-se no linho da toalha: cabrito assado no forno a lenha. Eu, vontades ao tostado do cabrito, mas temeroso ao final da ceia, na certeza de rezas após o último copázio: a jarra, espelho da borga, esticaria os ângulos do meu susto. A aliviar-me, rememorei os feitiços do tio: arado a revolver a leiva, a estorroá-la, daninhas, raízes ao sol; os estrumes, adubo, sementes com certificado de origem, altitude do terreno nos seiscentos metros estipulados pela entidade reguladora; Tomé, morcegos nas zanzas do lusco-fusco ou madrugada ainda a estrelar, a interpretar os caprichos do tempo; e o tio, nariz-higrómetro, a medir a manta do céu: «Calda de sulfato e enxofre, um cataplasma contra o mildio». Depois... Os pasmos do mulherio: «Senhora d'Agrela! Que desperdício! Que pecado! O homem está viradinho da trauta. Bata-tinha inteira ao rego... Uma destas! O miolinho é para a panela. Ao rego, só descascaduras greladas». O tio Jonas sobressaltara-se: «Se assaltam a sementeira pela calada?» e pensou em requisitar em Castro Daire GNR'S a cavalo. O abade acalmou-lhe os medos: «Eu encarreiro os mês», e o rebanho, apaziguado, tolheu-se nos cortelhos.

Quando o Tomé nos levou à pensão da senhora Cândida, os ralos a encherem a noite com a cegarrega, comentámos os porque sim de não ter havido rezas. Tomé disse: «Fidalguia montês. Por aqui, sabem de quem sois netos e o que valeis. A fama é asa de morcego a viajar na noite».

Por baixo do quarto, o eido do burro. Toda a noite zurrou, o mafarrico. Como se o nosso cheiro o aticasse. E mijou à farta. Quando serenou, pedradas na vidraça da janela tirou-nos da cama: «O sol já desponta». Armas à bandoleira, despedimo-nos do Tomé no jardim dos deuses.

**BREZA** – cesta com tampa

**CONHO** – vassoio de giestas

**JAVRE** – chanfro onde encaixa o tampo da pipa

**LEIVA** – sulco aberto pelo arado

**LENTEIRO** -- terra sempre húmida

**MASTIM** – cão que guarda o gado

**NEGALHAR** – apertar com atilho

**PICA-O-BOI** – dia de faina

**SEBE** – resguardo lateral nos carros de boi

**VIME** -- vara flexível de vimeiro

## A minha amiga Etelvina

Nasceu em Serpa em 17 de Março 1916 e faleceu em 30 de Abril 2004. Começou a trabalhar na Rádio Renascença e na Emissora Nacional como locutora. Foi diretora da revista “Modas e Bordados”. Aderiu ao conselho nacional das Mulheres Portuguesas em 1947. No ano seguinte foi afastada da Emissora Nacional, devido a atividades oposicionistas, sendo reintegrada em 26 de Junho 1974. Depois do 25 de Abril foi deputada pelo partido socialista. Dedicou os seus últimos anos de vida à Fundação Sarah Beirão António de Carvalho que vos falarei depois. É ali que acaba a sua luta de socialista e vem a falecer desiludida com “amigas” que a esqueceram.

Vale a pena consultar o facebook e conhecer todo o seu trabalho, jornalista, locutora, romancista, nunca baixando os braços a todas as contrariedades da vida.

Enfim, foi uma socialista convicta como o meu marido. Eu que ouvia pela boca deles, que acreditavam no socialismo e também votava no partido, mas com o passado dos anos verifiquei que quando esse ideal foi alcançado pelos que o tanto gabavam, deu-se o inevitável. Essas pessoas subiram ao poder e mostravam o socialismo deles.

Recordo que a querida Etelvina que era íntima amiga de Sua Ex.<sup>a</sup> foi ter com ele e pediu se arranjava uma casa que acolhesse os empregados da Rádio, quando fossem idosos. Resposta: Não havia possibilidade. No entanto, nós temos uma casa digna onde nos acolhem com carinho e são: Artistas que sempre trabalharam, sabe Deus com tantos problemas, mas ainda tiveram coração e coragem de fazer a nossa Casa do Artista. O dito senhor que quando acabou o mandato disse que ia para casa desligando-se de tudo e escrever as suas memórias.

No entanto, depois resolveu arranjar mais uns cobres porque a vida está má e arranjou uma fundação para arranjar mais uns trocos num prédio junto à Assembleia da República. A Etelvina, bondosa amiga de toda a gente falando a todos com o mesmo carinho, a palavra Não era inexistente. Nunca a dizia.

Tinha uma casa em Fontanelas e quando se reformou, ia aos fins-de-semana, e telefonava-me para irmos tratar das nossas meninas que é como eu trato as plantas. Passei lá férias maravilhosas. Ela tinha amigos de todas as classes, não olhava a isso, e às vezes iam lá ciganas pedir esmola. Resposta volta cá daqui a uma hora. Arranjava comida para elas. Íamos à Praia Grande, com um bom grupo. Além disso os amigos gostavam do sítio e tudo arranjou casa lá. Virgílio Ferreira, Leão Penedo, a Titilde e o marido Rogério Freitas, que era pintor e tinha lindos quadros. Ia visitá-la um grande número de amigos, entre como Francisco Lyon de Castro, diretor da editora Europa América, Adolfo Simões e mulher e outros que não recordo já.

Há anos o presidente da Câmara Municipal de Sintra deu o nome dela a uma rua. Eu fui convidada pela família, para assistir à homenagem.



Nos últimos anos foi diretora da Fundação Sarah Beirão Costa Carvalho em Tábua. Foi lá que faleceu, mas as suas amigas e tantas que tinha deixaram de a visitar. Eu era e com muita ternura, a única que todos os meses a ia visitar e notava a amargura dela de ser esquecida.

Adeus Etelvina quem sabe se existe mar e meninas para mudar de vasos e nos encontrarmos lá?

Nini Remartinez

### Quadras para Aleixo

Ser poeta se não minto  
É ter vidas n`uma vida  
É andar num labirinto  
Há procura da saída

As tuas juras d`amor  
São alcatruzes da nora  
Bebem água com fervor  
Pra depois deitá-la fora

Apoiarte é uma gaivota  
Alada no céu d`um beijo  
Onde os sócios são a rota  
Da gaivota que há no Tejo

As palavras são farinha  
Que enfarinham a razão  
Não importa o pão que fazem  
O que importa é darem pão

E as voltas foram santas  
Parado que ninguém fique  
E depois de voltas tantas  
É noite em Campo de Ourique

Autor: Lopes Victor

## “NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

### PROPRIEDADE: APOIARTE — CASA DO ARTISTA

Estrada da Pontinha, 7  
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890  
Fax: 217110898  
Correio eletrónico:  
[Geral@casadoartista.net](mailto:Geral@casadoartista.net)

### Ficha Técnica

**Edição e Coordenação:**  
Ricardo Madeira  
(Animador Sociocultural)

**Responsável pela Edição:**  
Conceição Carvalho

**Revisão:**  
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



### Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Eu e Tu, Somos Cor e Forma, com a Professora Olga Sotto no próximo dia 6 de Abril 2016 (quarta-feira), às 15 horas;
- Flores de Poesia e de Música para Joaquim Rosa, com a presença do Sr. Tito Lívio e Sr. Valter Lopes no próximo dia 7 de Abril 2016, às 15 horas;
- Momento Musical com o Grupo de Cantares Tradicionais da Freguesia da Estrela, no próximo dia 12 de Abril 2016 (terça-feira), às 15 horas;
- À Conversa com Vera Roquette (apresentadora da RTP), no próximo dia 20 de Abril 2016 (quarta-feira), às 15 horas;
- Comemoração do Dia Mundial do Livro, com a presença da escritora Inês Pedrosa, no próximo dia 22 de Abril 2016 (sexta-feira), às 15 horas;

No Teatro Armando Cortez:

- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta o musical “Cinderela”, com encenação de Fernando Gomes;
- A Yellow Star Company apresenta “ALLO ALLO” até ao próximo dia 30 de Abril 2016, com encenação de Paulo Sousa Costa e João Didelet;
- Comemoração do Dia Mundial da Dança, no dia 30 de Abril 2016 (sábado), às 17 horas.